

COLETA DE DADOS PARA A PESQUISA “CENA DIALÉTICA: PRÁXIS E HISTÓRIA”

Leidiane das Graças Assis (Universidade Federal de São João del Rei – UFSJ)¹
Carina Maria Guimarães Moreira (Universidade Federal de São João del Rei – UFSJ)²

RESUMO

Este trabalho faz parte de um projeto de iniciação científica que dialoga diretamente com o projeto docente “Cena dialética: práxis e história” da docente Carina Maria Guimarães Moreira da Universidade Federal de São João del Rei. O referido projeto docente já em fase de finalização propôs a investigação teórica e prática, no campo da encenação, da função do encenador e da construção da cena dialética e seu(s) diálogo(s) com a história. O plano de trabalho da iniciação científica consistiu no auxílio à docente da coleta de dados de dois espetáculos que contaram com a participação do encenador João das Neves, a saber “O Último Carro” de sua autoria e “A Farsa da Boa Preguiça” de autoria de Ariano Suassuna.

PALAVRAS-CHAVE

Cena dialética; João das Neves; Direção Teatral.

ABSTRACT

This work is part of a scientific initiation project in which it dialogues directly with the teaching project “Dialectical scene: praxis and history” by teacher Carina Maria Guimarães Moreira from the Federal University of São João del Rei. proposed the theoretical and practical investigation, in the field of staging, of the role of the director and the construction of the dialectical scene and its dialogue(s) with history. The work plan of the scientific initiation consists of helping the teacher to collect data from two shows that had the participation of the director João das Neves, namely “The Last Car” by her authorship and “Farce of the good laziness” by her authorship of Ariano Suassuna.

1 Graduanda em Teatro pela Universidade Federal de São João Del Rei, pesquisadora do GPHPC (Grupo de Pesquisa em História, Política e Cena) e bolsista PIBIC/UFSJ.

2 Professora do Departamento de Artes da Cena e do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal de São João del-Rei – UFSJ e coordenadora do Coletivo Fuzuê de Teatro e do Núcleo de Estudos em Teatro Político do Grupo de Pesquisa em História, Política e Cena (CNPq) – NETEP/GPHPC, do qual também é vice-líder.

KEYWORDS

Dialecticalscene; João das Neves; TheaterDirection

“O ÚLTIMO CARRO” – JOÃO DAS NEVES

A peça “O último carro”, de João das Neves, foi apresentada pela primeira vez no Rio de Janeiro em 1976 pelo Grupo Opinião, dirigida pelo próprio autor. Usando da população periférica carioca, o espetáculo traçava um paralelo da realidade turbulenta e injusta que o país vivia na época, com a história de um trem desgovernado. Foi uma das peças mais importantes que o grupo Opinião apresentou na década de 70 e extremamente aclamada pela crítica.

O Grupo Opinião, responsável pela primeira montagem da peça, surgiu no Rio de Janeiro em 1964 como um protesto de um grupo de artistas contra a ditadura militar implantada no Brasil. O primeiro espetáculo do grupo foi o “Opinião”, apresentado pela primeira vez no Rio de Janeiro, também em 1964. O musical foi dirigido por Augusto Boal e composto por Zé Queti, João do Vale e Nara Leão, que posteriormente foi substituída por Maria Bethânia.

Por suas raízes e motivações, o grupo Opinião sempre possuiu um viés político, de luta contra desigualdades. Foi um marco artístico durante a ditadura justamente por surgir no mesmo ano em que o regime se iniciou. Além disso, representava uma afirmação do que era o Brasil através do uso de elementos populares em seus espetáculos, contrapondo-se à realidade governamental do país na época. Suas montagens reverenciavam diferentes povos - vítimas da mesma exclusão - através de musicais.

A peça “O último carro” foi escrita entre 1964 e 1965, também no início da ditadura, por João das Neves. Ela retrata uma sociedade suburbana que necessita do trem para sobreviver. É composta por dois atos divididos de forma que o primeiro apresenta os personagens e suas questões e o segundo os coloca na situação central do enredo que é o trem desgovernado. No primeiro, as personagens se preocupam com a vida em um dia normal e no segundo se deparam com essa vida correndo o risco de acabar e precisam se unir para vencer essa problemática. A solução é ir para o último

vagão onde o impacto do trem é ameno. Somente quem consegue chegar até lá sobrevive. Daí vem o título do texto.

Antes de chegar a esse último vagão, existe uma discussão sobre a insensatez que a fé cega guarda. Os operários defendem a ida para o final do trem, mas um homem com ideais messiânicos de que os passageiros devem aceitar sua hora de morrer faz um contraponto. João traz em evidência o poder do negacionismo, da irracionalidade, do conformismo e da influência religiosa que abarca a sociedade brasileira.

A peça não apresenta um protagonismo de personagem, mas sim de eixo, que seria o trem. Ele norteia a história, as personagens, as suas vidas. Ele representa o Brasil e suas facetas excludentes e discriminatórias para com as pessoas mais necessitadas e injustiçadas. Essas pessoas estão ali, à mercê, com suas vidas expostas ao desgoverno (do trem). Ele tira a personalidade do protagonismo e transforma a vida dessas pessoas em marionetes. E isso não acontece somente no segundo ato, quando ele está desgovernado, mas também no primeiro, que evidencia a realidade brasileira na sua mais ilusória normalização e coerência. Mostra qual é a classe social que depende dele, o quanto é uma espécie de distintivo de pobreza e como representa uma ferramenta para a manutenção da injustiça que a classe trabalhadora enfrenta. Partindo dessa representatividade, é possível reler o título não só como referência ao enredo, mas também como um protesto a essa retroalimentação capitalista. Essa peça frisa “relações de poder estabelecidas confusamente num emaranhado de seres ignorados pelos ‘cidadãos contribuintes’” (PARANHOS, 2010).

Em 1976 aconteceu a primeira montagem dessa peça, dez anos após a autoria, quando houve uma flexibilização da censura artística que os militares impuseram (HENRIQUE, 2008). Ela teve como diretor o próprio João, cenografia de Germano Blum, sonoplastia de Rufo Herrera e figurino e produção dos próprios atores. Contava com, aproximadamente, 40 intérpretes. Número alto com o intuito de representar a realidade do dia-a-dia nas centrais de trens brasileiras. Dentre eles, Ana Cristina, Ancelmo Vasconcellos, Antônio Pompeu, Athenodoro Ribeiro, Carlos Adier, César Manaus, Charitas Ferreira, Diogo Vilela, Eliene Narduchi, Felipe Freire, Geisa Gomes, Hélio Asp, IlvaNiño, Ivan Cândido, Ivan de Almeida, Ivan Setta, Ivone Gomes, Joachim Soares, João Costa, João das Neves, Leila Rodrigues, Leônidas Aguiar, Márcio Augusto, MascosAlvisi, Margot Baird, Ney Costa, Paschoal Villaboin, Paulo Ribeiro, Sebastião Lemos, Thyê e Vinícius Salvattori (Último carro, 2021)

O elenco foi escolhido em paralelo ao próprio enredo. Da mesma maneira que só havia pessoas pobres na história, João só quis atores amadores na montagem. Era uma forma de ir contra a prática hegemônica de teatro da época. Para mais, contava com atores negros, o que não era comum naquele período em que o teatro era ainda mais racista que atualmente. Além disso, esses atores amadores tinham mais contato com a realidade proposta na peça do que os profissionais e poderiam encenar isso de maneira mais realista e genuína por não terem adquirido vícios do ofício em outros trabalhos ou escolas formais de teatro. Outra justificativa para essa estratégia está em colocar o povo para ser ator de si mesmo, aproximando mais o teatro do representado do que do representante.

Essas especificidades da direção de João nessa peça ficaram ainda mais claras quando ela foi encenada em São Paulo. Como o elenco que atuou na capital paulista foi diferente do que atuou no Rio de Janeiro, foi possível notar várias questões que aproximavam ainda mais o trabalho desse intuito que João tinha de heterogeneização teatral. Em São Paulo os atores eram mais adeptos ao trem, à vida suburbana. Era uma cidade que vivia mais à margem desse cotidiano devastado pela precariedade. Isso fazia com que aquela aproximação feita pelos atores amadores no Rio fosse ainda mais densa devido à sobreposição de camadas hierárquicas baixas, tanto profissionalmente quanto socialmente. A quebra hegemônica era ainda maior. A arte estava sendo feita por e para quem era descrito.

Em função dessa contextualização entre texto e elenco, a direção de João das Neves foi totalmente voltada para a manutenção do ideal de proximidade entre personagens e atores. Ele dava liberdade para que os intérpretes improvisassem durante os ensaios e algumas falas que saíam como resultado disso eram adicionadas ao espetáculo final. A genuinidade era um escopo de João.

Somada a isso está a cenografia de Germano Blum, que trazia três vagões em um semi-retângulo. A plateia se distribuía no centro dessa quase forma geométrica e pelos vagões. Havia projeções de imagens dos atores, do Rio de Janeiro e da central do Brasil que compunham, juntamente a sonoplastia, a ideia daquela realidade suburbana. A indumentária composta por roupas que os próprios atores escolheram também trazia um teor de espontaneidade e naturalização para a cena.

Em dois atos e uma montagem marcante para a história do teatro brasileiro, João das Neves traçou o mapa do Brasil no formato de um trem e distribuiu toda a sua população mais injustiçada por suas poltronas enquanto uma ditadura militar assolava o

país. Além de trazer a história, trouxe também o público para o palco, compondo o que seria uma assinatura de suas direções: a imersividade da plateia. Irreverência, protesto e representatividade. Nascia, em 1976, uma inspiração para o teatro contemporâneo brasileiro.

“FARSA DA BOA PREGUIÇA” – ARIANO SUASSUNA

A peça “Farsa da boa preguiça” foi escrita em 1960 por Ariano Suassuna e apresentada pela primeira vez em 1961 pelo Grupo Popular do Nordeste no Teatro de Arena do Recife, com a direção de Marcony Portugal.

Ariano Suassuna nasceu em João Pessoa em 1927 e faleceu em Recife, Pernambuco, em 2014. É um nome extremamente conhecido no Brasil e sua obra mais disseminada é “O auto da compadecida”, que se tornou um filme muito prestigiado. Suassuna era de uma família um tanto quanto privilegiada. Seu pai ocupava o cargo de presidente do estado, equivalente ao atual Governador estadual. Ariano se formou em direito e foi ainda na universidade que iniciou sua relação com a literatura. Era escritor, dramaturgo e professor.

A “Farsa da boa preguiça”, toda escrita em verso, é dividida em três atos que podem ser entendidos de maneira isolada. Ela pertence ao movimento literário armorial, concebido pelo próprio Suassuna. Esse movimento se baseia em representar a cultura popular brasileira de forma erudita. O enredo possui três planos: o inferno, a terra e o céu, compostos por demônios, o casal rico e o casal pobre, e figuras celestes, respectivamente. Os personagens do céu são Jesus, São Pedro e Miguel. Eles representam a direção da peça. Já na Terra, o casal pobre é composto por Joaquim Simão, um poeta de cordel que defende o ócio criativo, de onde vem o nome da peça, e sua esposa, a fiel Nevinha. O casal rico, por sua vez, é infiel e composto por Aderaldo Catação e Clarabela.

Aderaldo, enciumado pela felicidade do poeta, mesmo ele sendo preguiçoso e defensor do ócio, passa a desejar sua esposa. Tenta conquistá-la através de bens materiais, mas Nevinha é fiel ao marido e resiste. Clarabela, inebriada pela masculinidade de Simão, também tenta conquistá-lo e consegue. A reviravolta se dá quando Aderaldo aposta todo seu dinheiro com Simão que, se perder, teria que pagar com sua esposa. Simão ganha a aposta, mas, eventualmente, perde todo o dinheiro.

Os personagens místicos apresentam a si mesmos e os casais ao público. Mostra o quanto as personagens são caricatas. Um artista pobre e preguiçoso. Uma esposa conformada e cumpridora de suas funções como dona de casa. Um homem rico e avarento, que só pensa em poder e bens materiais. Uma mulher que tenta se provar o tempo todo, mas acaba expondo ainda mais sua futilidade. Artista, dona de casa, rico e madame. Não são personagens difíceis de se imaginar dentro da literatura tradicional brasileira.

Depois dessa rápida contextualização da peça, partimos para uma montagem em forma de comédia musical da mesma que aconteceu em 2009, dirigida por João das Neves pela Sarau Agência de Cultura em celebração aos 80 anos de Suassuna. A cenografia dessa montagem foi realizada por Ney Madeira e a indumentária por Diogo Cohen.

O cenário era composto por um baú no centro do palco, um suporte para mamulengos atrás, uma rede à direita e panos e desenhos de Suassuna espalhados por todo o palco. O palco de Mamulengos era extremamente importante. Ele representava o plano celeste, a janela do casal rico, a janela do casal pobre e expunha o nome dos atos com artes em forma de cordel. Outro elemento importante foi a música. Como já citado, a peça foi apresentada como comédia musical, o que levou os atores a tocarem instrumentos e cantarem no decorrer do enredo. Por último, é necessário ressaltar a luz nessa montagem, a responsável pela mudança entre os planos infernal, terrestre e celeste.

Pensando no trabalho de João das Neves na peça e já traçando um paralelo entre a montagem de “O último carro” e “Farsa da boa preguiça”, é possível frisar o teor popular de ambos os espetáculos. Isso revela a tonalidade política e democrática que João sempre defendeu em sua carreira. Como ferramenta para isso, o diretor sempre tentou aproximar ao máximo o público do elenco, criando não mais um espaço de pedestal para os artistas, mas sim uma partilha e diálogo em forma de arte, que dá espaço para o entendimento de uma sociedade focada na equidade entre classes.

Embora em “Farsa da boa preguiça” a reverente imersividade de João não esteja tão em escopo como em “O último carro”, é possível ainda perceber trocas e quebras da quarta parede. Segundo Simões,

“há algo mais que acontece e que é próprio do meio do teatro: pode-se utilizar também do interagir, porque a plateia está presente e pode influenciar na execução do texto. Mesmo que esta não seja uma

montagem totalmente interativa, os atores fazem gestos para o público, chegam a chamar o nome de alguém que lá está como espectador.” (SIMÕES, 2017, p.9)

Essa montagem soma a dramaturgia e a direção de dois gênios da arte. Homens que se preocupavam em criar uma identidade cultural brasileira, assumir as características mais populares desse país tão vasto. Observar uma dramaturgia que traz para a literatura a armorialidade de Ariano Suassuna e vê-la se mostrar no palco com toda a singularidade e grito democrático da direção de João, mostra caminhos lindos e necessários para o teatro político contemporâneo.

REFERÊNCIAS CITADAS

BATISTA, Natália. **Dimensões políticas e estéticas do trabalho de João das Neves: uma análise do processo de formação de atores não profissionais em O Último Carro (1976-1978)**. Artigo, 2019. Disponível em:

<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUK EwjArrbP47PyAhXFrpUCHVJtCpoQFnoECAYQAQ&url=https%3A%2F%2Fperiodicos.sbu.unicamp.br%2Fojs%2Findex.php%2Fpit500%2Farticle%2Fdownload%2F8656696%2F21765%2F&usq=AOvVaw25r-FCGY06crJqYvxkge5i>

CARBONE, Roberta. **O trabalho teatral de João das Neves: da crítica militante à formação do Grupo Opinião**. Artigo, 2012. Disponível em:

<https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/article/view/2384>

NEVES, João das. **A análise do texto teatral**. Rio de Janeiro: Funarte, 2010.

NEVES, João das. **O último carro**. Rio de Janeiro: Grupo Opinião, 1976.

O Último Carro. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em:

<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/evento389759/o-ultimo-carro> . Acesso em: 15 de agosto de 2021. Verbete da Enciclopédia.

PARANHOS, Kátia Rodrigues. **O último carro: uma viagem de trem com João das Neves**. Artigo, 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/cena/article/view/88006>

PARANHOS, Kátia Rodrigues. **Teatro, música e o Grupo Opinião: “que bicho deve dar?”**. Artigo, 2014. Disponível em:

http://www.encontro2014.sp.anpuh.org/resources/anais/29/1407285755_ARQUIVO_KatiaParanhos-Anpuh2014-textocompleto.pdf

SIMÕES, Ester. **A farsa da boa preguiça: Adaptações**. Artigo, 2017. Disponível em: <https://pdfslide.tips/reader/f/ester-simoes-ppgcl-ufjf-introducao-que-foi-postulado-por-linda-hutcheon>

SUASSUNA, Ariano. **Farsa da boa preguiça**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.